

os nosso labios e as nossas almas em preces por todos os que soffriam —pelos que andam sobre as aguas do mar, por esses primeiro, que naquella noite de amor divino estavam privados dos affagos da familia—, pela gloria dos mortos queridos, pela felicidade de todos os vivos. O ultimo toque dos sinos esse era recebido num delirio de satisfacção; esse falava nos do Deus Menino, que no seu Presepe de sedas e oiro nos aguardava sorrindo no seu bercinho brilhante sobre o altar mór da igreja onde o sr. cura ia celebrar o sacrificio santo.

E então todos nós iamos alegres, sem nos incommodar a neve d'aquellas noites do norte, cantando—vozes de amor e de reconhecimento—em direcção ao templo, aquellas dulcissimas lóas:

«Pastorinhas do deserto
Caminhae e vinde ver...»

Hoje a voz dos sinos ainda para mim tem encantos, porque me traz estas saudades de longe. E eu apeteço que ella seja a voz de Deus que nesta noite encha de felicidade o lar de todos e que um só desgosto não perturbe a alegria que por um designio do ceu deve reinar em toda a parte.

Eu envio os meus cumprimentos de boas festas a toda esta já de mim muito estimada familia algarvia.

Faro—1901.

RODRIGUES DAVIM.

18-1-1901

A Augusto Durand

(Para a Festa, porque festa é tambem a saudade dos que perdemos)

Sepulto o anno nas brumas do passado
Comsio quantos sonhos d'esperança
Me levou em seu manto, o desditado!
... Mais que quantos me pezam na lembrança.

A esse amigo que a sorte me trouxe
E a quem tão lèda sorria a primavera
No seu florir eterno,
Vejo inda a morte a disputal-o ao mundo
P'ro despenhar no abysmo mais profundo
Do mais profundo Averno.

Lembrado, como fóra de momento,
D'aquelle triste amigo o passamento
D'aquelle seu finar;
Nos claustros gigantescos do infinito
A ver-lhe inda pairar parado e fito
O amortecido olhar;

E as descarnadas mãos aos ceus erguidas,
Como a evocar as forças já perdidas
No apêgo de viver;
Pedindo a Deus que a vida lhe voltasse,
Ou, mais piedoso, prompto lh'a acabasse
Naquelle seu soffrer;

Nesse soffrer que a todos affugenta,
Como se fóra fera pestilenta
Aquelle em quem se deu;
Nessa doença que á força de martyrio
Deve ao que soffre reservar-lhe o Epyreio
Deve alcançar-lhe o ceu.

Nesse viver que pouco a pouco apaga
Como em séde pod'rá morrer a plaga
Fitando ao longe o mar;
Em ar immerso, e ver que vae morrendo
Nesse supplicio, certo o mais horrendo,
Em que lhe falta o ar;

Nessa tortura, que outra não eguala
E que, se vél-a em dór o peito estala,
Sentil-a que fará;
Tortura ou dór, pezar ou soffrimento,
Que não sabe vertel-a o pensamento,
Que a penna não m'a dá.

Tortura, que da vida n'esta lucta
Como então, só de dór minh'alma enluta
E a triste faz soffrer.
Tortura, qu'inda apoz a immensidade
Só vem a reviver esta saudade
Se é que ella vae morrer!

E vae sepulto em brumas do passado
Este anno para mim amargurado,
Que acaba de fugir,
Restando-me só d'elle a só ventura
De lembrar-me essa amiga sepultura,
Que n'elle vi abrir.

Natal de 1901.

CIDEMO.

SAUDADES

(A minha Mãe)



ATAL.

Se te lembras, minha amiga! Nem tu podes evocar o Passado, sem que a recordação d'esse tempo entorne na tua alma simples e boa o travoso nectar da saudade. E é por isto, ó minha Mãe! que este artigo te pertence.

... Se te lembras! ...
... Porque a felicidade nunca esquece.

—A casa cheia de confortos e alegrias, palpitante como um ninho amoroso, sob a aza alvinitente do nosso Anjo da Guarda. Eramos uma familia numerosa, uma familia patriarcal, burgoesa, nas doces crenças da nossa religião poetica—um cofre de tradições, d'onde se escapavam, desfiando-se, como luminosas benções do ceo, os santissimos rosiclères dos nossos castos ideaes.

Ia-se á missa todos os domingos; e eu nunca olvidarei a figurita microscopica da velha Avosinha, acompanhando nos á igreja, muito branca e muito linda, no seu capote de panno preto, no seu lenço de cambraia, emmoldurando-lhe a face radiante, ao pallido fulgor do seu amortecido olhar azul.

Tu eras então, ó minha pobre Amiga! uma esplendida mulher, uma mamã encantadora, de que me eu orgulhava e envaecia.

Em o nosso oratorio havia uma estampa de Nossa Senhora, que se me figurava o teu vivo retrato. E quando eu, pequenina e crente, lhe ajoelhava defronte, lembro-me que sempre vos confundia— a ti e a Ella —na minha apaixonada e fervente oração.

Se meu Pai te beijava, com os seus beijos castos, ruidosos e alegres, parecia-me—como as creanças ás vezes são ambiciosas!—que elle era S. José, tu a Esposa Bem-Amada e eu o Menino Jesus!

D'ahi o meu culto, a minha ardente devoção pela Sagrada Familia, pelo pequenino Jesus, que é ainda hoje contigo, minha Mãe, o unico sobrevivente de uma enorme derrocada.

Jesus!

Pelo Natal—que saudade!—erguia-se-lhe um altar, vergando ao pezo dos castiçais e das jarras com flores, todo estellante de lumes, cheio de reflexos doirados,—multicolor, na profusão das rosas, no helariante desabrochar dos craveiros, no deslumbramento argentado dos jasmíns. O ambiente morno e saturado de diversos perfumes, como que se deixava abraçar por um aroma mais capitoso e mais forte—o cheiro da murta, de grandes maciscos de murta, pintalgada de bagas escuras, que enchia o aposento, trepando pelo altar, arrastando se sobre a alcatafia, recortando-se no damasco vermelho, que forrava as paredes, em floeiras azues e cõr de rosa.

E lá em cima, no alto do seu throno, o loiro Menino sorria o seu eterno sorriso, de uma ingenuidade muito mansa, espantando os olhos de crystal.

E era de ver o entusiasmo com que tu te afadigavas, multiplicandote por toda a casa, batendo no pudim na cosinha, endireitando no oratorio o arame dobrado d'alguma flôr, branqueando as sandalias do Menino, ensaiando, como uma artista, combinações feéricas de luz.

Na vespera de Natal estava tudo a ponto, tudo brilhante, florido e resplandecente. Ceava-se frugalmente—uma ceia de jejum—e depois, toda a familia se preparava para a missa do Gallo.

Que alegre aquella romaria pelas ruas cheias de gente, illuminadas a luar! Ranchos de pescadores com seus fatos domingueiros, japona até ao Joelho, e o barrete que tinham

comprado pelo tempo dos galeões, seguiam de mãos nas algibeiras, arrastando a fala, n'aquella toada plangente dos algarvios, onde parece que se ouvem as ondas chorar.

Donzellinhas friorentas e elegantes caminhavam aos grupos, atufadas nas pellicas, com as cabecitas de andorinha escondidas no capuchon.

Um outro bioco retardatario cortava por entre a multidão, seguindo sempre em frente, e semelhante, ao longe, um grande passaro noctivago, manchando de negro a noite luarenta e festiva.

Lá dentro, na igreja, todos se conheciam e cumprimentavam. E enquanto o padre não subia ao altar, conversava-se muito e muito de mansinho.

Ah! os bellos idyllios começados ali, no sôcego do templo, sob o olhar maternal da Virgem Maria e o sorriso protector do bom Jesus...! Alguns d'esses idyllios continuavam pelo anno seguinte e acabavam porfim, limpamente, na mesma igreja, em uma deslumbrante manhã de sol, ao conjugo-vos sacramental.

Missa resada, todos sahiam e se apressavam para ir fazer a meia noite, na grande sala de jantar, cheia de ruído, de vida e de luz.

Mas o remate da festa, a nota typica, por excellencia, só explodia em noite de Anno Bom.

A gente do povo franqueava os seus presepes aos curiosos, que andavam pelas ruas, em magotes,—grupos enormes, compostos de duas e mais familias, com as meninas adeante, de braço dado, e atraz os namorados respectivos...

A espaços batia se a uma porta, transpunham-se uns humbraes, e deparava-se nos a casita modesta de um pobre, toda engrinaldada com certas flores de que ninguém sabia o nome, afestoada de murta, sobre que resaltava a cõr doirada das laranjas, dispostas em cachos, pelas paredes, e em cima das banquetas do altar. Um Menino muito feio, que nós—para lisonjearmos a dona da casa—achávamos encantador, dominava o conjunto, do alto da sua peanha sarapintada, estendendo a mãozinha sobre um feracissimo Herodes, que de longe nos mostrava os alvos dentes...

No interior da casa, uma calma de abraçar! As cabelleiras e as scéaras definhavam e pendiam, sequiosas, tanticas e tristes; creanças reboavam pelo ladrilho; e um outro dos circumstantes, trahindo as libações pantagruelicas do jantar, arriscava phrases salgadinhas, para estabelecer um contraste com as cantigas das moças, agrupadas num largo circulo, impaciente e ruidoso.

Que innocencia de cantigas! e como o povo se reveiava n'ellas, simples, ingenuo... e crente... e bom!

Cantavam, quebrando a voz, em uma melopéa suave, d'uma grande tristeza infinita:

O' meu Menino Jesus,
Quem vos deu? por quem choraeis?
—Choro pelos peccadores,
Que cada vez peccam mais!

Fazia se uma pausa, e depois continuavam:

Oh meu Menino Jesus,
Quem vos deu a bandeirinha?
—Deu-m'a el-Rei D. Alfonso,
Filho da nossa Rainha!

Ninguém se incommodava por causa dos visitantes.

E n'aquella promiscuidade indescriptivel, enquanto as Mamãs faziam comentarios, elogiando o bem disposto de tudo, enchendo de santa vaidade aquella pobre gente tão feliz, cartinhas amorosas passavam subrepticamente da rua para dentro de casa, escondendo-se, caute losamente, de mão em mão...

Depois, a romagem proseguia, crivada, aqui e ali, de episodios picarescos, que abriam largo campo á gargalhada.

D'uma vez, batiámos nós á porta de certo aguadeiro, muito conhecido em Faro—o Pintão—, quando lá de dentro nos perguntaram «o que queriamos?»

Seguiu-se logo, em vez de resposta, a pergunta tradicional!

—Tem Menino?
O troco foi immediato.
—Tenho, sim, senhora...
...mas está deitado...!
O Menino—shocking!—o Menino era... o Pintão!...

Oh! Natal da minha terra! oh! meu Passado feliz e radioso! que saudades tenho de vós!

Tudo mudou de então para cá, no derruir da Ventura e na agonia das tradições.

Acabou-se para nós a romagem aos Meninos, a missa do Gallo, na igreja em que te casaste, minha Amiga, e em que um veneravel sacerdote me baptisou. Acabaram-se as trovos, morreu o teu Esposo e a branca Avosinha...

O alegre madeiro já não crepita na lareira; e o proprio Menino, que d'antes nos sorria alegremente,—o proprio Menino entristeceu!

E d'esse Passado, que a minh'alma evoca, chorando, só me ficou esta imagem adorada, e o teu amor, minha Mãe! oh minha Mãe!

MARIA VELLEDA.



Aos ex.^{mos}
FREGUEZES E CORRESPONDENTES
A Typographia Burocatica
Boas fetsas

UMA ESTREIA

A commemorar as melhoras do nosso proprietario do "Heraldo"



extravagancia da idéa de vir escrever para o publico, deve corresponder a extravagancia do assumpto, a ver se assim se consegue a indulgencia dos que lêem, porque com a critica aggressiva dos que nos acompanham em lides jornalisticas, com essa contatos sempre pela certa.

Podia affirmar sob o juramento o mais sagrado que é este o meu baptismo litterario, mas podiam considerar este meu modo de proceder como um ardil proprio a trahir a indulgencia dos mestres, ou encomios dos zóilos como eu, justificando aquelle dizer bastante conhecido: «un soi trouve toujours un autre sot qui l'admire.»

Podia dizer-se que aprendi alguma vez a lingua de Voltaire ou que compulsei em horas de loisir as obras de Lamartine ou Balsac, Molière ou Beaumarchais.

Qual? Uma piadinha d'ouvido pesca se com facilidade n'um meio em que os piadistas abundam e em que as piadas pollulam como os cogumelos. E produz o mesmo effeito.

E alguem me disse que isto de escriptor publico demanda muitas vezes o geito na colleccionação dos ditos e gracinhas e ao saber engatilhá-las na occasião mais azada, no momento mais opportuno.

Poderia seguir outro rumo e ir buscar a padrinhagem do Chryso, a apresentação do Sem Medo, o benevolente lançamento do sempre indulgente Davim, escudar-me na Maria Velleda, abrigar-me sob a

patronagem do Zut' ou envolver-me no classico varino do delicioso poeta de São Braz; mas quem sabe se elles se dariam ao incommodo de attender o mendicante que lhes batia á porta, ou se estariam de maré a envergar a casaca e pôr as luvas 'do estylo para trazerem o debutante á luz da ribalta.

E ficavam estes lords jornalisticos, estes gros bonets da imprensa, privados do pratinho, que elles tanto apreciam, de me zurzirem o lombo para me quebrarem desejos de novos tentamens ou de me cravarem os acicates para me moderarem o chouto descabellado na pedregosa estrada, que para elles é mais que conhecida.

Nada. Vamos assim sem apresentações pessoas ou alheias e apenas fiados no anonymo que é ainda uma das melhores carapuças para supportar as cacetadas da critica, e envolvidos no incognito, que é ainda um dos melhores dominós, para que ao ouvido cheguem sem elogios de praxe e sem dulcificações de condoidos as verdadeiras apreciações do nosso trabalho bom ou ruim, acceitavel ou condemnado.

A difficuldade agora está na escolha de assumpto se bem que n'um tempo, como este, elles nascam debaixo das pennas dos experimentados e surjam nas cachimonias dos entendidos.

Está-me a coegar a novel penna o velho thema de perús e perúas n'este tempo de Natal e festas; mas verdade, verdade não ha para tratar de qualquer assumpto com verdadeiro conhecimento como tel-o debaixo dos olhos, poder sentil-o, palpá-lo, ouvil-o ou gostal-o quer physica, quer methaphysicamente.

Metaphysicamente!

Para perús e perúas não de concordar que não é a melhor maneira de applicar os nossos sentidos e muito menos n'uma estreia, que cobre de suóres o debutante e o vae debilitando mau grado seu por quanto superior se vae tornando ao seu fraquissimo ingenho, a empresa a levar a cabo.

Eu preferiria, no caso de ser já um escriptor de plana, um nome conhecido, uma celebridade nas letras, que um dos meus admiradores tivesse a infeliz lembrança de me offerecer um casal d'aquelles bichos, trazendo-me assim n'este assumpto virgem ensejo para eu lhe dedicar uma Perúeida ou para lhe consagrar uma Pennosiaria.

Mas... nem eu ainda sou dos des taes illustres, nem me consta que até á data alguém se lembrasse ainda de mimoscar esta classe de gente com outro genero de perúas, que não fossem as que, quebrando a casca dos magros proventos do officio, vem buscar a luz n'um mascarado que se apresenta sob o rotulo pomposo de Porto genuino da Ferreirinha da Regual!!

Tem a penna pois de quebrar-se sem tratar do assumpto, como os dentes se vão quebrando uns de encontro a outros, á falta da polpinha deliciosa a separal os ou do classico recheio a dar-lhe lubrificamento.

Mas já que encetei o assumpto, não quero deixar sem o tratar sob um ponto de vista que não deixará de ter algum interesse para naturalistas vindouros e que merecerá, quem sabe, a attenção de futuros sabios.

A longevidade das perúas e o seu predominio sobre os machos.

A segunda parte é facilissima de demonstração bastando para isso estabelecer estatisticas, quer nos tempos normaes, quer n'outros em que estas aves apparecem arrebanhas ou soltas, que subordinadas á compridissima cana do pregoador do genero, quer na sua completa liberdade em herdades, hortas ou quintaes, quer engaioladas nos galinheiros dos proprietarios ou nas gaiolas estabelecidas pelo poder judicial para poupar a cançada indulgencia do poder moderador.

Poderia citar as notabilidades de pulso que tem dado as bases para as estatisticas mais perfeitas sobre este assumpto desde o Rei da Madureza e o Popular José Augusto, que tanto cultivaram o assumpto no passado e que já pertencem

ANNUNCIOS

1.º ANNUNCIO

No dia 12 do proximo mez de janeiro por 11 horas da manhã, no estabelecimento de José Delgado Peres, socio da firma Peres & Peres, em estado de fallencia, situado na rua das Portas de S. Braz, freguezia de Santa Maria, d'esta cidade, continuará a venda em hasta publica do resto do activo da massa fallida existente n'aquelle estabelecimento e que nas praças anteriores não teve lançado, sendo a base da licitação cinquenta por cento do valor da avaliação. Távira, 23 de dezembro de 1901. Verifiquei—João Centeno. O escrivão, Estevão José de Sousa Reis. (5798)

2.º ANNUNCIO

No juizo de direito da comarca de Távira e cartorio do 2.º officio se processam e correm seus termos uns autos d'inventario orfanologico a que se procede por obito de Antonio Augusto José da Silva Pinto, que residiu n'esta cidade e falleceu no posto militar de Quamballa. Correm pois editos de 30 dias citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para todos os termos até final do alludido inventario. Declara-se que o praso dos editos começa a contar-se desde a publicação do segundo e ultimo annuncio. Távira, 7 de dezembro de 1901. Verifiquei.—D. Leote. O escrivão, Arthur Neves Raphael. (5794)

EDITAL

A Camara Municipal de Távira

FAZ PUBLICO:

QUE no dia 26 do corrente pelas 12 horas da manhã, á porta do paço do concelho, se ha de proceder em hasta publica e a quem mais der, á arrematação da seguinte receita do municipio a cobrar no proximo futuro anno de 1902:

Taxas do 12.º e 13.º ramo dos impostos indirectos—base da licitação, 955000 réis.

Paço do concelho de Távira, 11 de dezembro de 1901.

O presidente da camara, (5791) João Possidonio Guerreiro.

IMPOSTOS INDIRECTOS

FRANCISCO GOMES PANITO, arrematante do 2.º e 9.º ramos dos impostos municipaes de 1902 do concelho de Távira, vem por este meio avisar, que todas as pessoas de um e outro sexo que forem encontradas a vender pescarias de todas as qualidades, tanto frescas como secas ou salgadas, sal, batatas, peros, maçãs e castanhas verdes ou secas, sem que tenham cumprido com o disposto no artigo 9.º do regulamento para a cobrança dos impostos municipaes em vigor, pagará á risca conforme marca a tabella da camara, e mais a multa que lhes applica o artigo 33 do mesmo regulamento. Távira, 16 de dezembro de 1901. O arrematante, (5792) Francisco Gomes Panito.

ARMAZEM

LUGA-SE o do Registo, percentente aos herdeiros de João Baptista Braz. Trata-se com João Viegas Baptista, caseiro do Patarrinho, em Távira. (5793)

MOBILIA

VENDE-SE mobilia de sala, em mogno. N'esta redacção se diz. (5795)

CONSULTORIO MEDICO

DR. Alexandre Pereira d'Assis, dá consulta, todos os dias das 10 horas da manhã ao meio dia. Rua Serpa Pinto n.º 33 (vulgo rua da Cadêa) Faro. (5744)

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA DE TAVIRA

Em dezembro

ENTRADAS

Dia 14.—Chalupa portugueza Bemvindai, de Lisboa.

Dia 6.—Vapor portuguez Gomes 6.º de Lisboa.

Dia 21.—Chalupa portugueza Jesus Maria José, de Lisboa.

SAHIDAS

Dia 16.—Chalupa portugueza Senhora dos Martyres, para Lisboa.

Dia 20.—Vapor portuguez Gomes 6.º, para Faro.

Dia 22.—Vapor portuguez Gomes 6.º, para Lisboa.

MERCADO DE GENEROS

TAVIRA

DIA 15 DE DEZEMBRO

Table with 2 columns: Commodity and Price. Trigo... 640 14 litros, Cevada... 360, Milho... 540 18, Fava... 800, Aveia... 380, Grão de bico... 17000, Feijão... 17200.

DIOCESE DO ALGARVE

Com o Almanak Ecclesiasticum, para 1902, vende-se:

Officia propria pro Diocesi Algarbiensi qua, in Codice Regni, Breviario Romano inserto, desunt, Exmi. et Rdmi. Dñi. Archiepiscopi Episcopi ejusdem Diocesis Auctoritate denuo typis mandata.

Um remedio afamado, que as erianças tomam como se fosse um doce.

Quando virdes empallidecer as faces da vossa criança, e observardes o definhamento da carne e das forças que denota um estado debilitado, esperamos que vos lembraeis das informações, dadas na carta seguinte:

VILLA DO CONDE, 25 de Março de 1901.

A minha filha Maria, de 4 annos, foi sempre fraquinha e tão raquitica, que me parecia até que o seu desenvolvimento tinha paralizado. Fez uso da muito anotada EMULSÃO DE SCOTT, tomando este alimento como o mais fino manjar; sendo o seu resultado tão seguro, que via minha filha



MARIA TEIXEIRA. Fortalecer-se de dia para dia. É tomado de tamanha alegria por ver hoje minha filha completamente curada, que lhe escrevo reconhecido esta carta, podendo mencionar 17 annos da publicação. Sabo, de V. Exas. atto, e obro. JOSÉ ANTONIO TEIXEIRA. Rua da Misericórdia.

É na verdade um deléite para os paes o ver quão depressa seus filhos obedecem ao tratamento da EMULSÃO DE SCOTT. O appetite se torna logo maior, os orgãos digestivos funcionam d'uma maneira vigorosa e sadia, e o sangue puro que percorre as faces gordas indica uma saúde perfeita. É sómente necessario que o publico insista sempre em obter a verdadeira EMULSÃO DE SCOTT, a qual se conhece pela nossa marca registada d'um homem segurando sobre o hombro um grande peixe.

Esta marca registada facilita o conhecer-se a EMULSÃO DE SCOTT dos preparados inferiores e falsificados; e é muito importante que vós não enganéis.

bons, temos esta data vivida, radiosa, universal, vibrante sempre, d'alegria immensa, esta do nascimento do justiceiro e humano Apostolo do Bem!

Dezembro de 901.

MARCOS ALGARVE.



MEU CORAÇÃO

Minh'alma, ao ver-te, desmaia, E em vão te busca fitar... E' como a onda do mar Que morre longe da praia!

Quem tivera, ó andorinha, As azas que Deus te deu, Para voar á tardinha, Vendo o meu amor do ceo...

BERNARDO DE PASSOS.

O HERALDO

Por destinarmos este numero á commemoração das festas do Natal, ficaram reservados para os proximos numeros muitos artigos nossos e extranhos que temos já em nosso poder.



GAZETILHA

(Sonho do Natal)

Um sonho todo d'esperança Eu tive a noite passada... Como se fosse creança Agora mesmo chegada N'uma condessa de França.

Sonhei eu que a chinellinha Tinha posto á chaminé... Fui vel-a de manhásinha Como a arca de Noé, De tanta cousa que tinha.

Nunca, leitor, calculáras Somma de tanta valia Em peças d'ouro, das raras... Peças de D. Maria, D'aquellas de duas caras.

P'ra contar tudo o que havia Não dava uma noite inteira... A banda d'infanteria Que vae p'ra Faro e o Cabreira C'o a farda da Academia.

Somma maior ou igual A' que tem o João Franco Toda em dinheiro real Contada em notas do Banco... Mas não do de Portugal.

N'esta lusa monarchia Fui ministro e deputado, Do reino tive a chefia, Fui conselheiro d'Estado E socio da Academia.

Por sobre o Guadalquivir Passei a noite em verbena Sevilhanas a ouvir: Esta noche es noche buena No es noche de dormir.

Entrei na taluda...Pois Foi me a sorte tão gentil Que ao sahir, pouco depois, Soube ter eu o tres mil Seis centos sessenta e dois.

Uma fada d'encantar Deu-me beijos e caricias E condão para beijar Todas as minhas patricias Casadas e por casar.

Já discutia, lampeiro, A quem, alegre e liró, Daria o beijo primeiro... N'isto... acordei... Vi-me só... E beijei o travessêiro.

CHRYSO.

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

ALLIVIO DE TRISTES (VERSOS)

anima as almas com prazer. E longe, lá muito longe, quando a noite desce com o seu manto de velludo negro recamado de lantejolas idias e uma saudade infinita nos recorda a Patria e a Familia, o Natal toma então as glorias sinceras e agitadas de um dia maravilhoso e feliz. As vestes domingueiras sahem, á luz do dia, á caricia do olhar amigo...

A Africa, paiz calido que o Sol abraza, conduziu-nos a Sorte ingenua á procura do bem estar relativo, que o torrão materno regateia aos Pobres...

E lá, por entre o sussurro manso dos longos rios e o silencio mysterioso das florestas, que uma aragem que perpassa com lentidão aquece e beija a face, festejam ruidosamente o Natal os abatidos europeus visinhos, que as febres locais empolgaram e os baldões do acaso approximou...

Ainda nos lembra! Era o segundo Natal que passavamos n'aquellas paragens. De manhã cedo, como empregado mais graduado na casa, encerramos carta branca do gerente, que estava fóra da terra, para solemnisarmos com todo o esplendor o santo dia, fazendo as despesas precisas sem olharmos á importancia das cifras...

Juntamo-nos todos os conhecidos e um francez representante d'uma fabrica de sedas, que viera bem recommendado. A festa prometia ser bella,—d'aquella belleza simples e tocante que caracteriza os expatriados nostalgicos,—e todos se alegravam e sorriam anteendo algumas horas de jubilo.

Mas o cão que o francez trazia—um soberbo animal do monte de S. Bernardo—tinha piorado consideravelmente, não obstante os grandes meios empregados para se lhe atalhar a doença... E quando nos dispunha-mos a ir para a mesa saborear os escolhidos manjares, artisticamente manipulados, atiramos de chofre a triste nova de que o miserio enfermo dera a alma... ao nada! O dono do cão, o representante e descendente da velha Gallia, ao ouvir a cruel noticia, rompeu n'um choro estridulo, bysterico, nervoso...

E foi assim, funebremente, que um grupo de rapazes novos, entusiastas e joviaes, atacou o conteúdo do primeiro prato.

O francez porém, a cada colheada que absorvia soltava um gemido fundo e uma exclamação pungitiva: ai, meu cão!

O jantar decorreu triste, silencioso, apressado, apenas interrompido pelo continuo lamento do amargurado e inconsolavel francez: ai, meu cão! como que a mesma magua, funda e cava, se apossára de todos! E lá fóra, o Sol dourado e quente, fecundava amorosamente a terra... O banquete findou cedo, e todos, em silencio, retirando á formiga, afastaram-se para longe, levando sempre nos ouvidos a nota tragica da festa: ai, meu cão!

Mais alguns dias do Natal por lá passámos tristemente, apenas agitados pelo ruido d'algum inglez ébrio—porque todo o verdadeiro inglez n'este dia se embriaga—ou d'alguma canção saudosa na toada plangente das nossas musicas populares...

Dos portuguezes, são sem duvida os algarvios os que maior alegria imprimem á festa do Natal; em qualquer ponto do globo em que estejam, tem o Natal o seu culto honesto e farto...

Conservam, a despeito de todas as mudanças, essa feição singella e meiga que distingue e destaca uma raça crente e simples.

E muí distante, em paragens estranhas, anonyms, ouvimos bastas vezes esta quadra velha e vulgar, mas linda, que nos penetrava na alma como um fluido vivificante:

O meu menino Jesus, A vossa capella cheia... Cheira a cravos, cheira a rosas, Cheira a flor da laranjeira!

... Atravez dos seculos, como a relembrar aos Tartufos fanaticos e maus a doutrina evangelica dos

no numero dos que foram, como em terras algarvias os Patachos e Aguardentes que, dignos herdeiros d'aquelles, constituem os continuadores de tão sublime obra no presente.

Verdadeiros devotados constituiram processos de cultura tão perfeitos (a provar a longevidade dos bichos) que ainda bem uma das da especie não tinha exhalado o derradeiro alento, já outra nova ia germinando e desenvolvendo de maneira a estabelecer-se como que um mótu continuo n'esta geração expontanea, que não escolhe estação, não procura temperatura, nem estabelece climas.

Chegaram a não poder marcar o verdadeiro traço, a perfeita balisa entre o ultimo morieus d'aquella e a fecundação do ovo, que se havia de converter n'esta!

E já vieram estes heroes da sciencia, que passam desapercibidos na turbamulta sobraçando um cabaz, transportando uma cartinha, ou ajoujando sob um fardo, perdendo horas infinitas nos seus gabinetes de tabalhos, que tão depressa são as mais pobres das mansardas, como as mais vastas extensões abobadadas d'estrellas, a juntar dados e a amontoar observações para que novos propagandistas completem de futuro a grande obra onde se possa ler desenvolvidamente a demonstração d'essa nova verdade—Da maior propagação das perúas e da sua longevidade correndo parelhas com a do mamífero por excellencia, com a do Simiano mais intelligente e mais aperfeiçoado.....

E agora que indirectamente taes personalidades me forneceram assumpto ao meu primeiro esboço litterario, justo é que os seus nomes, tantas vezes gravados em lettras negras nos aanaes da policia e dos carceres, tenham hoje direito a ficarem gravados não em lettras d'ouro, que o jornal não comporta tanto, mas n'esta estreita aurea d'um talento que promete e d'uma notabilidade, que vem desabrochando.

SUAGA.



O NATAL EM AFRICA

NATA vivida, radiosa, universal, vibrante sempre, d'alegria immensa, esta do nascimento do justiceiro e luminoso Apostolo do Bem.

N'essa noite symbolica e lendaria, alegre e festiva, corre um véu de cassá fina, alva como a neve ou o arminho, por sobre as tristezas amargas que avassalam o coração humano; e assim, genericamente, fraternalmente, um sorriso de bondade illumina e paira no labio do mais ardente grego ou do mais flugmatico inglez.

Nas longiquas e solitarias regiões do orbe, em todos os pontos onde os raios luzentes e bemvindos do alfabeto espalham o seu calor benéfico, um clarão, febril e forte

